

Viagem de canoa da lua e do sol: a ontologia da errância em Lévi-Strauss¹

Harald Sá Peixoto Pinheiro*

Resumo

A metáfora da viagem de canoa da lua e do sol, nas *Mitológicas 3* (*A Origem dos Modos à Mesa*), de Lévi-Strauss (2006), bem como a dialogia divórcio-matrimônio dos astros, nos remete à condição originária do sentido de errância, constituída aqui – ontologicamente – como hipótese de nossa investigação. Por meio das viagens das narrativas mitológicas entrelaçam e se opõem, simultaneamente, Sol e Lua na busca de compreender um sentido mais profundo da relação natureza e cultura e sua efetiva desconstrução de fronteiras, mediatizada pela compreensão do perspectivismo antropológico das culturas ameríndias. O erro aqui não é oposição binária da certeza, mas a dinâmica que dá sentido próprio à existência errante do homem na natureza, sua inventividade e retificação subjetiva diante das coisas e do mundo que o rodeia. Como paradigma astronômico, a mitologia nos leva a pensar a viagem do sol e lua através da canoa do tempo que deseja teatralizar esse movimento da errância, de natureza essencialmente ambígua, anacrônica, pelo qual o caminho do humano deve trilhar.

Palavras-chave: canoa do tempo; errância; perspectivismo.

Abstract

The trip's metaphor of the moon's and the sun's canoe in the *Mythologies 3* (*The origin of the ways in the table*), of Lévi-Strauss (2006) like the dialogue divorce-marriage of the stars bring us to mind the original condition of the errant feeling developed here in an ontological way like the hypothesis of our investigation. Through the mythological narrative's trip they interlace and they oppose each other, simultaneously, Sun and Moon trying to understand the deep feeling of the relationship between the nature and the culture and its effectively destruction of the limits, mediated by the understanding of the anthropological perspective of the Amerindian cultures. The error here isn't the binary certainty opposition but the dynamic that gives the own feeling to the erratic existence of the man in the nature his inventivity and subjectivity rectification in front of the things and the world around. Like the astronomical paradigm, the mythology let us to think that the sun's and the moon's trip through the time canoe that wishes to perform this erratic movement of the nature essentially ambiguous, anacronical which the human being must go.

Keywords: time canoe; erratic; perspectivism.

¹ O texto é resultado da leitura sistemática, análise e reflexões em torno da obra *Mitológicas 3: A Origem dos Modos à Mesa*, de Claude Lévi-Strauss, ocorrida como Atividade Programada, no 1º semestre de 2010, às quintas-feiras, sob a orientação do Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho.

* Doutorando em Ciências Sociais (Antropologia) na PUC-SP e bolsista da Fapeam. E-mail: haraldpinheiro@interlins.com.br

Tempos e lugares da errância

Para Claude Lévi-Strauss, a errância não é um acontecimento transitório que antecipa uma verdade ou certeza diante da vida, muito menos o resultado de uma ação defectível e menosprezável do pensamento. A errância constitui o *corpus* ontológico da mitologia, pois se coloca em oposição à busca pela verdade objetiva da ciência ou essencial da filosofia.

A errância coloca a narrativa mítica diante do desvelamento do mistério do qual a memória se exercita e se ritualiza na disputa dos astros, mediatizados pelas viagens de canoa através dos rios que articulam, num só plano, também a sua antítese: o esquecimento. A errância não pode ser mais ignorada. Esquecê-la é ignorar o mistério e o próprio esquecimento que a retificação da viagem mítica – como transposição dos modos de subjetividade – nos impõe, por vezes, inadvertidamente. A errância se coloca, também, em simetria com o regime da falta, de que a psicanálise lacaniana é tributária.

Talvez pudéssemos levantar a hipótese da metáfora da viagem de canoa como metamorfose, transfiguração, epifania (quase sempre manifestado pelo movimento da temporalidade), quando o tempo assume a nau da narrativa. Por isso, nos referimos a ela como a Viagem no Tempo em que seus protagonistas nada mais são do que “andarilhos do tempo”.

A experiência da errância que os mitos teatralizam nos faz confrontar nosso espaço sedentário da racionalidade ocidental, modificando nossa visão habitual e ordinária de lugares e espaços antropológicos consensuais. Por meio de um pensamento nômade e errante que a viagem mítica dos astros nos faz supor, através dos rios terrenos e cósmicos, a canoa também configura-se como um lugar de morada movente, uma espécie de casa viajante² entre universos tão dispares. A canoa errante e mítica transfigura a unidade anfíbia que tece a relação extraordinária entre terra e rio.

Não podemos confundir a experiência real da viagem de canoa – o que comumente ocorre –, típica das sociedades tradicionais na Amazônia, por exemplo, com a viagem por meio da canoa mítica, que nos lança ao plano do simbólico e do imaginário, e que as sociedades citadas acima também vivenciam por meio de suas mitologias.

² Lévi-Strauss (2006, p. 170) destaca que em muitas sociedades indígenas estudadas por ele, pôde-se observar o entrecruzamento entre casa-canoa, onde uma toma a forma da outra no sentido de multiplicarem suas funções e, tornarem-nas mais versáteis, adaptando-se ao universo anfíbio de muitas populações tradicionais da Amazônia.

Por várias vezes, a leitura das *Mitológicas 3* nos remete à tópica lacaniana, de três ordens distintas (real, simbólico e imaginário) e que geralmente se confunde. A viagem dos astros, simbolicamente encenada pelo elemento operador da canoa, sintetiza num plano imaginário, as oposições espaço-temporais, como bem faz notar Lévi-Strauss (2006, p. 173): “Quase que poderia dizer que a canoa interioriza a viagem num espaço privilegiado, ao passo que a viagem exterioriza a canoa numa duração indeterminada”.

Tais modelos são universais e recorrentes em diferentes sociedades. A análise estrutural se compara a um paradoxo: quanto mais clara, evidente e objetiva for a estrutura aparente (modelo consciente), mais difícil de captar a estrutura profunda (modelo inconsciente). Para Lévi-Strauss o desafio maior é converter um modelo pelo outro e vice-versa. São opostos, mas também complementares. Nessa sugestão metodológica, o antropólogo tem que trabalhar com oposição e complementaridade, no sentido de suprir as antinomias. Daí muitos comentadores, pesquisadores e tradutores afirmar que Lévi-Strauss é um pensador da assimetria e da complementaridade.

Por essa razão, e ainda como operador simbólico, a canoa se utiliza do paradigma astronômico (viagem e disputas dos astros) para exercer ainda a “transposição topológica da função semântica” que pretende articular diferente códigos e registros (paradigmáticos e sintagmáticos) entre si, como por exemplo, o espacial (vertical e horizontal), temporal (perto e longe), sociológico (casamentos e guerras). No caso específico da disputa da lua e do sol, a canoa realiza a mediação, a sinergia relativamente tolerável entre dois astros tão diferentes. A canoa mítica transportando demiurgo lunar e solar à boa distância (nem longe nem perto) assemelha-se a fusão que o fogo doméstico faz com o sol e a terra ao cozer os alimentos, suturando para depois digerir, internalizar, esses dois elementos da cosmologia indígena.

Lévi-Strauss se utiliza da *Poranduba Amazonense*³ (1890, pp. 211-212), do etnógrafo e naturalista Barbosa Rodrigues, para exemplificar o papel que o paradigma astronômico ocupa no imaginário de algumas tribos locais. Vejamos:

3 Como dispomos da obra *Poranduba Amazonense* (1890), preferimos extrair a citação diretamente dela, preservando a forma literal de como ela foi escrita e traduzida pelo etnógrafo Barbosa Rodrigues.

Há muitos anos a lua era noiva do sol, que com ela queria se casar, mas, se isso acontecesse, se chegassem a se casar, destruir-se-ia o mundo. O amor ardente do sol queimaria o mundo e a lua com as suas lágrimas inundaria toda a terra; por isso não puderam se casar. A lua apagaria o fogo; o fogo evaporaria a água. Separaram-se, então, a lua para um lado e o sol para o outro. Separaram-se. A lua chorou todo dia e toda noite, foi então que as lágrimas correram por cima da terra até o mar. O mar embravecer e por isso não pôde a lua misturar as lágrimas com as águas do mar, que meio ano corre para cima, meio ano para baixo. Foram as lágrimas da lua que deram origem ao nosso rio Amazonas.

Para muitas culturas indígenas essas narrativas explicitavam a experiência vivida da errância e a compreensão da periodicidade das águas, das chuvas, dos ciclos menstruais, bem como regular a alternância entre perto e longe, dia e noite, matrimônio e separação, casamento endogâmico e exogâmico, etc. O curso mítico dos astros na canoa do tempo supõe soluções por vezes fantasiosas, como é o caso do rio com mão dupla, com o propósito de narrar os efeitos dos cataclismos e eclipses. Por essa razão, Lévi-Strauss chama de “equivalentes erráticos” a correlação entre os problemas da vida corriqueira, como problemas conjugais e incesto, com as oposições astronômicas entre luz e escuridão. Assim, os astros por vezes antagônicos, se equivalem, encenando a lógica entre oposição e complementaridade. A esse aspecto, observa Lévi-Strauss (2006, p. 138):

Com efeito, a conciliação entre a luz e a escuridão não é apenas da ordem da simultaneidade, como ocorre quando as cores do arco-íris ou as nuvens carregadas de chuva nuançam ou temperam a claridade do dia, ou quando a lua e suas estrelas iluminam o céu noturno.

Uma rápida interlocução pelo ensaio de Merleau-Ponty, *O Visível e o invisível* (1992), encontramos um aspecto que talvez corrobore com o sentido de errância por meio das narrativas míticas. A procura por uma Região Selvagem: do *Aufklärung* ao *Ursprungsklarun*, isto é, a desconstrução da ideia de esclarecimento da razão e luminosidade das alturas (Maioridade, Luz), consolidado no século XVIII, ao esclarecimento da origem, situado numa luminosidade subterrânea (Minoridade, Sombra). Merleau-Ponty denomina esse “ser selvagem” aquele que se movimenta no regime da sensibilidade e da não domesticação. Não causa estranheza que *O Pensamento Selvagem* (1970), seja dedicado à memória do filósofo.

Perspectivismo e a disputa dos astros⁴

Uma boa coincidência de nosso texto se dá por conta do curioso trabalho do antropólogo que, segundo Lévi-Strauss, assemelha-se ao do astrônomo, envolvendo aproximações e distanciamentos, isto é, formas e intensidades diferentes de ver os “astros”, decodificando seus fenômenos por meio de um ponto de vista peculiar, que resgata e valoriza o sentido de alteridade e movência.

Talvez por essa razão, um conceito caro à antropologia – em especial à antropologia indígena – é o de perspectivismo. De postura diametralmente antagônica ao etnocentrismo, para o qual o sentido de natureza e cultura das sociedades tribais é desprezível e inferior como compreensão da realidade socioambiental, o perspectivismo assume a visão segundo a qual o mundo é habitado por diferentes espécies de seres, humanizados ou não. Tais seres (aqui utilizados por fenômenos astronômicos) ganham importância por sua autonomia em nos verem e se verem de maneira diferente das habituais formas de percepção humana.

O perspectivismo acentua também o desfazimento dos rígidos limites entre natureza e cultura, borrando também as fronteiras entre animalidade e humanidade. Isso fica bem evidente na resposta que Lévi-Strauss dá a Didier Eribon (2005, pp. 195-196), quando perguntado acerca do significado de mito: “se você interrogar um índio americano, seriam muitas as chances de que a resposta fosse esta: uma história do tempo em que os homens e os animais ainda não eram diferentes”.

Dos animais aos astros. Os astros aqui estudados (lua e sol) também se desantropomorfizam, invertendo a forma de ver as coisas, passam a intervir nas relações humanas como não-humanas, assumindo, portanto, uma posição protagonizadora na taxonomia do mundo da cultura e da natureza.

Nas narrativas que envolvem as disputas dos astros acentua-se a dinâmica das oposições temporais e espaciais, que perpassa toda a tetralogia das *Mitológicas*, em especial na *Origem dos Modos à Mesa*, dedicamos aqui especial atenção. Essas categorias se alternam e se

⁴ As narrativas usadas para essa discussão foram: M454 (Cherokee), M455 (Gros-Ventre), M429a (Crow), M430a (Hidatsa), M430b (Hidatsa), M457 (Arekuna) e M458 (Mandan). Todas narrativas se referem a mitologias de sociedades indígenas da América do Norte, exercitando, assim, a transposição de hemisfério no sentido de alargar a compreensão do pensamento ameríndio nas Américas, o que é sugerido metodologicamente por Lévi-Strauss ao longo da obra (2006).

diversificam de acordo com as culturas analisadas: ora a luz do sol nos remete a produtividade, abundância e fertilidade; ora a lua nos remete à idéia de escassez, improdutividade e esterilidade.

Lévi-Strauss adverte que embora os *Arapaho* tendo bastante simetria com as narrativas do porco-espinho, as disputas dos astros (sol e lua) são mais predominantes e também as ultrapassam. E, embora, os Cheyenne compartilhem algumas semelhanças com os *Arapaho* (origem linguística, deslocaram-se juntos, vivem em proximidades), não há registros das narrativas do porco-espinho. Os Cheyenne referem-se às disputas entre sol e lua sem estabelecer a relação com os conhecidos problemas conjugais (pelo menos aparentemente).

Cada astro pleiteia, a seu modo, as seguintes representações:

- a condição de superior;
- o mais luminoso, o mais brilhante;
- o mais belo e poderoso;
- o dono ou a dona da noite;
- o dono ou a dona do dia.

Para lua, o poder de proteger e cuidar de tudo é dela, pois mesmo de dia ela se faz presente. O sol é preguiçoso durante a noite (inferência nossa). A lua reforça seus argumentos dizendo que tem as estrelas como aliadas constantes.

A primazia da lua sobre o sol: aspecto diurno da lua em oposição ao aspecto não noturno do Sol. Lévi-Strauss destaca, nesse caso, as narrativas dos Tupi amazônicos, dos Mundurucu e dos Ona (na América do Sul), destacando ainda que, entre esses, os aspectos mais marcantes estão nas relações conjugais.

Lévi-Strauss nos remete ao mito *Wichita* (engraçado e revelador do simulacro) quando a heroína da narrativa faz a escolha errada, quando indica como marido a estrela mais brilhante e, em seguida, descobre se tratar de um velho. Para eles (*Wichita*), só as estrelas menos brilhantes são belos rapazes. Diz o mito que a mulher decepcionada foge com a ajuda de um abutre.

O mesmo ocorre numa versão do mito entre os *Miami* (tribo bem distante dos *Wichita*) que vivem ao sul dos grandes lagos. Segundo Lévi-Strauss é curioso o fato de, entre eles, “não se invocarem as estrelas e, inclusive, é nefasto contá-las” (2006, p. 250).

Já na versão *Cree*, não é a noite que estimula a relação sexual, mas

o dia, pois as esposas dos astros se impacientam porque seus maridos desaparecem durante o dia (diferente dos Mundurucu e Tupi amazônicos em que a impaciência das esposas é mais sentida a noite quando seus maridos desaparecem). Segundo Lévi-Strauss, não importam os polos de oposição, posto que oposições são sempre frequentes na mitologia, seja na disputa conjugal ou na disputa de poder.

Os *Chinook* reforçam ainda mais essas disputas, pois, segundo a etnografia “o sol brilhante do verão convida as pessoas a saírem ao ar livre e usarem seus colares mais belos, ao passo que a lua só ilumina a defecação e os amores ilícitos” (2006, p. 250).

Os *Omaha* e os *Ponca* nos lançam a outras disputas de seus astros:

- a lua se queixa ao sol que ele desorienta e dispersa os humanos em suas caminhadas ao longo do dia, enquanto ela se esforça em ajudá-los a se agruparem a noite.

- o sol, por sua vez, responde e ainda acusa a lua: provooco esse efeito (dispersão) para os humanos se multiplicarem em lugares diferentes, ao passo que você (a lua) os engole de noite e os faz morrer de frio e fome.

As oposições se explicitam pelas seguintes representações: ao evocar a noite, a lua traz a miséria, escassez e a esterilidade; enquanto o sol, ao evocar o dia, traz a abundância, produtividade e a fertilidade. Segundo os Dakota, do Canadá, os astros se organizam a partir da seguinte distinção:

- o Sol é a mãe das mulheres (Sol Fêmea);
- a Lua é o pai dos homens (Sol Macho).

Como resultado dessa dinâmica da disputa dos astros e a viagem de canoa – sob a égide da ontologia da errância e do perspectivismo ameríndio – as narrativas encenam uma frenética dialogia de disjunções e conjunções, simetria e diacronia, oposições e complementaridades. No plano simbólico, guardamos na memória, em especial, duas imagens significativas dessa aprendizagem em direção ao mistério: de um lado, o sol vesgo, estrábico ou zarolho (como metáfora da impossibilidade de uma visão absoluta e perfeita da realidade); de outro, a lua com olhos grandes e complacentes (como metáfora de uma visão das sombras e da penumbra, do qual a sensibilidade noturna nos capacita e nos quer rehumanizar.

Referências bibliográficas

- LÉVI-STRAUSS, C. (1970). *O pensamento selvagem*. São Paulo, EDUSP.
- _____. (2006). *Mitológicas 3: A Origem dos Modos à Mesa*. São Paulo, Cosac Naify.
- LÉVI-STRAUSS, C. e ERIBON, D. (2005). *De perto e de longe*. São Paulo, Cosac Naify.
- MERLEAU-PONTY, M. (1992). *O visível e o invisível*. São Paulo, Perspectiva.
- RODRIGUES, B. (1980). *Poranduba amazonense*. Annaes da Biblioteca Nacional. Tomo XIV. Rio de Janeiro.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. (2002). *A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia*. São Paulo, Cosac Naify.